

**“O valor da vida, a pandemia e o capitalismo:
uma reflexão a partir da psicanálise”¹**

**“The value of life, the pandemic and the capitalism:
a reflection based on psychoanalysis”**

Prof. Dr. Mario Elkin Ramirez

“Obrigado. Quero agradecer a Universidade, à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, à Pró-reitoria de Extensão, à graduação em Psicologia e, principalmente, à minha amiga e colega Ilka Franco Ferrari, por este convite que aceitei com muito gosto. Vou falar, então, sobre o valor da vida, a pandemia e o capitalismo.

Primeira seção: A Peste Negra e o Coronavírus.

O historiador norueguês Ole Benedictow, após uma extensa pesquisa, escreveu o livro **A Peste Negra 1346-1353 - a história completa**. Nesse livro, recria os terríveis anos de disseminação da epidemia na Europa, Ásia Menor, Oriente Médio e Norte da África. Até agora, a Peste Negra é considerada o maior desastre demográfico sofrido pela humanidade, porém, foi apenas no final do século 19, e início do século 20, que foi feita uma invenção da microbiologia para determinar sua origem, que vem a partir de uma bactéria chamada *Yersinia pestis*, transmitida pela picada de pulgas, classificadas como *Cenopsilla theopis*, que, ao invés de pulgas, eram transportadas pelos ratos pretos. Mas quando seus hospedeiros morriam e os cadáveres começaram a esfriar, as pulgas rapidamente começaram a se alimentar dos seres humanos e a se transportar nas roupas e nos cereais.

¹ Essa palestra foi ministrada pelo Prof. Mario Elkin Ramirez, em 21/10/2020, na abertura do Seminário de Extensão “Novas Conexões em Tempos de Pandemia”. O conferencista é sociólogo, filósofo, psicanalista e professor da Universidade de Antioquia, em Medellín, na Colômbia. Mestre em Psicanálise pela Universidade de Paris VIII. Doutor em Psicologia pela Universidad de Buenos Aires (Argentina). Membro da Associação Mundial de Psicanálise e da NEL-Medellín.

Sua palestra foi transcrita por Gabriela Fernandes Cunha, graduanda do curso de Letras da PUC Minas Coração Eucarístico. Extensionista da Coordenação de Produção Acadêmica e Publicações da Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas. E-mail: gabriela.fernandes42@gmail.com.

O processo de transmissão foi reconstruído assim: uma pulga bloqueada pela bactéria, que permaneceu inchada em seu estômago, foi forçada a aplicar seu hospedeiro, neste exato momento, para cortar o sangue ingerido e os fragmentos do bloqueio, contendo milhares de bactérias na ferida da peste. Em seguida, essas bactérias passaram por um trato linfático, e então inflamavam, deixando à mostra o “bubão”, ou inchaço característico, localizado nos gânglios linfáticos como virilha, coxa, axilas, pescoço, atrás das orelhas e em outras partes do corpo. Por isso também é chamada de peste bubônica, que matou cerca de 60% da população eurásica.

Giovanni Boccaccio ilustrou assim nas primeiras páginas do **Decamerão**: o cito, em extenso: “Digo, pois, que no ano de 1348 da Encarnação do Filho de Deus, uma pestilência mortal veio para a cidade-igreja de Florença, produzida pela influência das estrelas ou enviada aos mortais a mando de Deus, para corrigir nossas iniquidades. Havia sido iniciada, poucos anos antes no Oriente, e arrebatou inúmeras vidas sem se estabelecer em nenhum lugar, e foi estendida continuamente até que, infelizmente, a praga não se manifestou apenas no Ocidente, da mesma forma como no Oriente, onde um sangramento do nariz era o sinal óbvio de uma morte inevitável. Aqui, no início, apareceram inchaços sob as axilas de pessoas de ambos os sexos, algumas cresciam até o tamanho de uma maçã comum, e outras do tamanho de um ovo, umas mais e outras menos, e o “bubão” - era chamado popular de bubão. Em pouco tempo, o detectado bubão mortífero começou a aparecer em outras partes do corpo, distintas das anteriores.

Logo após este fato, a doença passou a deixar manchas negras (ou vermelhas) nos braços, ou pelas coxas, em qualquer parte do corpo, algumas grandes e espaçadas e outras minúsculas e próximas. E da mesma forma que o “bubão” era um sinal muito certo de morte iminente. Parecia que, diante dessa doença, nada valia e podia ser aproveitado dos conselhos médicos ou das virtudes dos medicamentos, pois os médicos não sabiam determinar a causa da doença, e, portanto, não podiam remediar.

O fato é que poucos foram curados e quase todos, no terceiro dia após surgirem os sintomas, acabavam morrendo. Quando muitas pessoas contraíram a doença, em diferentes lugares, eram mantidos longe de todos. No final, os cidadãos mal viam uns aos outros, os parentes os visitavam raramente e à distância. O terror dessa doença entrou com tamanha força no seio de homens e mulheres, que o irmão abandonava o irmão, o tio ao sobrinho, a irmã ao irmão e muitas vezes, a esposa ao marido. E o que é ainda pior, e quase incrível, é que os pais temiam visitar e cuidar de seus filhos, como se os mesmos fossem estranhos.

Os enfermos, os barões e os populares, uma multidão era incalculável, não tinham nenhum auxílio, senão a caridade de seus amigos: muitos terminavam seus dias, a qualquer momento, na via pública. Também muitos outros morreram em suas casas, e o fedor dos corpos em decomposição era

a primeira coisa que os vizinhos detectavam, e assim sabiam que estavam mortos. Era uma multidão, que morria em qualquer lugar, e a maioria dos vizinhos praticava um novo costume: movidos tanto pelo medo de que a decomposição dos cadáveres os prejudicasse, quanto pela caridade para com os falecidos, sozinhos, ou com a ajuda de alguns carregadores, retiravam os cadáveres das casas e os deixavam na frente das portas, onde, especialmente pela manhã, era possível ver incontáveis deles que por ali passavam. Traziam mais tarde caixões, e embora houvesse muitos mortos, tinha aqueles que eram deixados sobre uma tábua de madeira, por falta de coisa melhor, e eram levados embora. Mais de um caixão trancou dois ou três mortos; muitas vezes acontecia de a mulher estar no mesmo caixão do marido, assim como dois ou três irmãos, o pai e o filho, e assim por diante.

Sem orações, sem lágrimas, sem velas para os homenagearem, porque havia chegado a um ponto em que ninguém mais se importava com os homens que morriam. Eram tantos corpos que todos os dias, e em quase todas as horas, eles levavam os corpos para as igrejas, porém a terra sagrada não era suficiente para enterrar todos, então faziam poços enorme onde centenas de cadáveres eram colocados. Uma vez empilhados, estes eram cobertos com um pouco de terra até chegar ao topo. Até agora, palavras de Giovanni Boccaccio.

Essa é a narração de um homem da época, que se desculpa por contar esses fatos horríveis na introdução de suas histórias no **Decamerão**, é claro, de uma forma muito mais divertida.

O fato de as pulgas migrarem dos ratos mortos para os homens gerou, como consequência, que os humanos foram quem transportou a praga em seus navios através dos rios, mares, em caravanas de mercadores e por meio de andarilhos, essencialmente, a partir das rotas comerciais, tudo isso ligado ao mercado da época. Existem grandes semelhanças entre a Peste Negra e a atual epidemia do Coronavírus, porém, há também muitas diferenças, devido ao fato de que os meios de transporte medievais eram lentos em comparação com os de hoje.

A Peste Negra demorou seis anos para se espalhar por toda a Europa e Ásia. Hoje temos aviões, ao invés de navios, onde saltos metastáticos foram feitos em maior velocidade e extensão, de forma que em vez de seis anos, bastou apenas seis meses para todo o mundo ser infectado. Nós temos muitos meios de comunicação, e, por conta disso, estamos mais bem informados da evolução da epidemia, existem cálculos epidemiológicos que nos ajudam a saber as: taxas de infecção, o número de exames e óbitos, país por país, cidade a cidade. Mas isso não nos alivia mais do que nossos ancestrais da angústia pela morte de nossos entes queridos e de todos. E embora os europeus da época ignorassem completamente a natureza da doença que enfrentavam, agora foi determinado pela ciência com alguma precisão que vírus estamos enfrentando.

No entanto, as cenas narradas por evocação também podem ser vistas hoje nas redes sociais, e em alguns documentários e telejornais, tal como aconteciam no século XIV, e cada um já pode

testemunhar de que, pelo menos, um parente foi infectado ou faleceu, por causa do Coronavírus. A maioria das pessoas hoje, não interpreta mais essa nova praga como um “castigo divino”, nem usa os tratamentos antimiasmáticos prescritos pelos sábios a partir das referências hipocráticas. Estamos, no entanto, como naquele momento, imersos em um grande desamparo. Porque quase um ano após o aparecimento do vírus, não foi desenvolvida uma vacina ou um remédio eficaz contra o Coronavírus, as únicas medidas preventivas são: o uso da máscara no distanciamento social, lavagem das mãos, e regras de higiene, que os antigos (mais velhos) não cumprem.

Segunda seção: O Desaparecimento dos Rituais

Vou refletir sobre esse aspecto a partir de uma nova fonte, desta vez filosófica, isto é, o livro do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, **O Desaparecimento dos Rituais**, publicado em alemão em 2019, e em espanhol, em 2020, ou seja, foi escrito antes da pandemia.

O filósofo, em diferentes obras, faz uma reflexão sobre a mudança que é imposta no Ocidente, o passo acelerado do capitalismo ao neoliberalismo, o que afetou todos os regimes políticos e econômicos do planeta, empurrando-nos para a construção da sociedade da cansaço, a sociedade da transparência, a expulsão dos diferentes, a interculturalidade, a psicopolítica no exame da hiperconexão, para citar apenas alguns de seus livros. Na verdade, a mudança do capitalismo mercantil para o capitalismo financeiro fez com que os proprietários do capital não precisassem mais de uma massa de trabalhadores para explorar sua força de trabalho; em vez disso, eles precisavam de grandes multidões de consumidores.

Lacan propõe que o discurso capitalista pense sobre essa modificação do antigo discurso do senhor, que governava justamente o homem na época da Peste Negra. Hoje, durante a epidemia, os governos estão divididos entre salvar vidas ou salvar a economia, inclinando-se, na maioria das vezes, para a última opção. Isso significa que há um fuso negro político da pandemia: apenas uma porcentagem mínima dos privilegiados podem dizer que podem permanecer confinados em suas casas, ou fazendo o que se chama de “cotações de teletrabalho”, enquanto a grande maioria da população, em países de Terceiro Mundo, deve sair para trabalhar nas ruas, em meio ao mundo infectado, por causa do que ganham a cada dia, enfrentando o dilema de morrer de fome ou morrer de Coronavírus.

O neoliberalismo, como mostra o discurso capitalista de Lacan, é regido por um imperativo consumido que é o imperativo do mercado, e que pela aliança com a ciência, o sujeito concluiu torná-lo outra mercadoria e, por sua própria natureza, o capitalismo eliminou o impossível. Então, concluiu-se a castração, o limite ético e nem tudo é mais possível: basta fazer o que diz a propaganda de um

produto. Sem serem sujeitos e sem limites, todos os humanos têm, conseqüentemente, uma vocação para serem objetos de consumo, como um drogado – que é o paradigma do consumidor ideal do capitalismo –, para sermos consumidos por aquilo que consumimos.

Antes da pandemia, o filósofo já ensinava que rituais são ações simbólicas que constroem comunidades, sem ter que passar pela comunicação verbal. Aqui poderíamos pensar na diferença entre rito e mito, da antropologia estrutural, ou a diferença entre memória e repetição da psicanálise, mas que, enquanto formas rituais simbólicas, criam comunidades.

O neoliberalismo nos leva a abandonar essas formas rituais para fazer prevalecer uma comunicação digital anônima e livre de comunidade. O ritual permite que uma comunidade reconheça nele suas pegadas, seus sinais de identidade. O ritual tem uma enorme carga simbólica, que não precisa transmitir nada e dá conta do que dura, do que resta, tentando então eliminar de seu programa, a contingência. Nesse ponto, teríamos muito a dizer sobre o permanente e o contingente, comparando-o com os termos aristotélicos *Tiquê* (o encontro com o real) e *Automaton* (que trata da persistência dos signos), elucidados na psicanálise por Jacques Lacan.

Mas esse peso do ritual, esse peso simbólico do ritual, a diferença para o filósofo dos dados e da informação que o neoliberalismo tanto privilegia no seu escopo e que serve para nos fazer passar esses dados por um algoritmo e vender e manipular e ainda assim, esses dados carecem de qualquer força simbólica.

Há uma lacuna simbólica nas informações atuais.

A mudança ensinou por muito tempo que existe uma palavra vazia quando usamos a linguagem apenas para nos comunicar, já que a palavra deveria ser aquela que compromete o ser do sujeito em sua palavra, que é aquela que está ausente na forma digital, o que também aumenta a contingência quando a duração diminui. Os rituais simbólicos, então, dão estabilidade à vida, constroem a morada, tornam a vida durável por meio da prática da repetição ritual. A pressão para produzir e consumir tira a durabilidade da vida e do cotidiano. Mesmo na forma de trabalho digital, os momentos rituais em que a casa é compartilhada também tendem a ser apagados. Temos tempo para usá-lo na meditação, no lazer, na presença tranquila, na contemplação, que são outra forma de fazer uma comunidade de ação, de habitar o mundo sem consumir, ou passar a vida no impulso de produzir ou no culto narcisista.

Acredito que a pandemia acelerou esse movimento que denuncia o filósofo, quando nos é impossível nos encontrarmos pessoalmente, repetir nossos rituais familiares amigáveis, celebrar aniversários, realizar rituais fúnebres para entes queridos, e até científicos, rituais religiosos, esportivos, artísticos, culturais, educacionais ou políticos, tudo se tornou *virtual*.

A contingência então entra para abalar nossos rituais, e nesse contexto nos questionamos sobre o valor da vida. E, para isso, recorreremos a Freud.

Terceira Seção: O perecível, o tema do encontro entre Rilke e Freud

Em 1915, ou seja, em plena Primeira Guerra Mundial, Freud escreveu **Sobre a Transitoriedade**, para o volume de El Pais, aceitando o convite da sociedade Goy de Berlim. Freud começa assim: “Há algum tempo, na companhia de um amigo taciturno e um poeta jovem, mas agora famoso, fui passear no verão no campo.” Até agora, a citação.

Alguns biógrafos conseguiram estabelecer que esse poeta era Rainer Maria Rilke. A reunião aconteceu em setembro de 1913, em Munique, e o amigo taciturno tema da reunião foi, na verdade, Lou Andreas-Salomé. No passeio com Freud, o poeta diz que “admiro a beleza da natureza que nos rodeia, mas me alegro com ela”. Ele estava preocupado com a ideia de que toda aquela beleza estava destinada a desaparecer, que no inverno ela morreria como toda beleza humana e todo o belo e nobre que o homem criou ou poderia criar. Tudo isso, que de outra forma ele teria amado e admirado, parecia sem valor por causa da impermanência à que estava condenado.

Na verdade, o poeta Rilke, desde muito jovem, inclinou-se a esses pensamentos no final de 1897, na coleção de poemas chamada **Al Viento**, onde vemos o tema. Nos versos finais do primeiro poema, ele esboça o que os estudiosos revelam como o programa de toda a sua futura obra poética e diz: “e até da dor ao amadurecimento longe da vida, longe do tempo.”

Ele insiste no tema da dor, perda, solidão, expiração, fora do qual ele quer colocar seu trabalho. Antes de escrever a monografia de Rodan, ele se separou de sua esposa, cultivando sua solidão e sua dor doentia de corpo e alma.

Em 1913, ano do encontro com Freud, Rilke já havia desistido de se separar judicialmente de sua esposa Clara Westhoff, que era uma mulher forte e corajosa, e segundo biógrafos, essa força da esposa diante da fraqueza de Rilke sempre serviu de suporte para o poeta. A relação continuava a mesma e, na correspondência da época, falavam da perspectiva de o poeta de fazer psicanálise. Mas ele nunca foi ao psicanalista. À carta do psiquiatra Ben Getzatel, na qual ele o aceitou como paciente, o poeta responde: “Ainda me parece que meu próprio trabalho não é, a rigor, outra coisa que não autotratamento.” E, na última carta, Rilke insiste no medo de que a limpeza interna que o tratamento psicanalítico acarretaria carregasse constantemente seus anjos, os anjos bons que propiciam sua inspiração. A esposa de Rilke denuncia nele um traço de covardia, que não parece reservado apenas para enfrentar uma psicanálise, há também algo da covardia de Rilke em enfrentar a própria vida em sua efemeridade.

Freud o confirma em sua escrita, e diz: “Não decidi questionar a transitoriedade universal, nem exigir uma exceção em favor do belo e do perfeito, mas o poeta pessimista argumentou que a transitoriedade do belo acarretaria sua desvalorização. Na verdade, Rilke não para de reconhecer mais tarde, em sua primeira elegia, que o belo não é nada para nós senão o início do terrível, todo anjo é terrível”, diz ele. Isso quer dizer que não há convivência harmoniosa com o anjo de sua inspiração e um tormento de seus demônios.

Ele também está horrorizado com este anjo presente, como Lacan dirá mais tarde, que o belo é talvez o último véu da morte. Porque são relíquias, eternas, vendidas também refinadoras da existência, Freud diz: “da expiração do belo, do perfeito, pode-se derivar uma emoção da alma, que leva ao estado de ferida do mundo, como no caso de nosso jovem poeta”. Freud chama o mundo de pessimista e de cansado, para o poeta.

Em seguida, apresenta como argumento que, ao contrário, a transitoriedade aumenta por si mesma o valor das coisas. Freud diz: “o valor da transitoriedade é o da escassez no tempo, a restrição da possibilidade do gozo torna-o mais apreciável e a Clara é incompreensível que a ideia da transitoriedade do belo não tivesse embotado sua alegria, no que diz respeito à beleza da natureza após a destruição das casas pelo inverno, e no ano seguinte; e aquele retorno pode ser definido como eterno, na proporção do tempo que dura nossa vida. Vemos a beleza do corpo e do rosto humano desaparecer para sempre na nossa própria vida, mas essa brevidade acrescenta algo novo aos seus encantos, se há uma flor que se abre, única à noite, não por isso a sua fluorescência nos parece menos esplêndido”, diz Freud.

No entanto, o raciocínio de Freud não comove o poeta, que ainda se apegava às suas convicções pelo que o psicanalista já havia escrito seu ensaio ainda inédito naquela época em que a melancolia continua.

“Julguei essas reflexões incontestáveis, mas observei que não haviam impressionado o poeta. A partir dessa incapacidade de inferir que a interferência de um fator afetivo forte, que nublou seu julgamento e mais tarde eles até acreditaram que o haviam descoberto. Deve ter sido a revolta anímica contra o luto que desvalorizou o gozo do belo, a representação de que aquela beleza era transitória. Deu um gosto de pré-luto pelo seu sepultamento e já que a alma se retira instintivamente de tudo que sentia minado pela ideia de transitoriedade.” Até agora, Freud.

Quando está então com Freud, Rilke passa por um período em que seu fluxo criativo é interrompido, deixando sua terceira elegia inacabada.

Seu surgimento é descrito pelo poeta Franz Werfel, alguns meses assim: “Rilke tem um rosto cinza doentio, se move com dificuldade, como se tivesse que superar uma paralisia. Ele tinha uma aparência lisa e rígida como um cego, apesar do fato de suas roupas serem tão elegantes, parecia

muito estranho naquele corpo imaterial. Parecia que ele estava vestido com roupas de boneca que alguém havia colocado nele.”

É pertinente aqui, notar que a mãe de Rilke o vestiu de menina pelo menos durante os primeiros cinco anos de vida, o que parece ter deixado uma marca nele que ele exilou, e continua a ver-se – não conheci ninguém em que existiu tal discórdia absoluta entre sua espiritualidade e seu cotidiano de certa forma – como um espectador.

Finalmente o projeto, continua em seu texto a conversa com o poeta, que ocorreu no verão anterior à guerra. Um ano depois, estourou o roubo de suas belezas para o mundo, como hoje a pandemia, eu diria. Ela expôs nossa vida instintiva em sua nudez, desencadeou em nós os espíritos malignos que acreditávamos ou julgamos duramente pela educação, que durante séculos os mais nobres de nós não transmitiram, arrebatou-nos fartos do que amávamos e nos mostrou a expiração de muitas coisas que consideramos permanentes.

Mas esses outros bens agora perdidos nos desvalorizaram muito porque se mostraram tão perecíveis e tão frágeis, entre nós parece que sim, mas eu, por outro lado, diz Freud, “acho que eles estão errados, acho que aqueles que pensam e estão dispostos a uma renúncia perene, porque o que é apreciado eu não credito sua durabilidade, eles estão simplesmente em um estado de luto pela perda, só por superar o luto isso vai provar que nosso alto apreço pela boa cultura não tem sido prejudicados pela experiência da sua fragilidade, vamos construir tudo de novo, tudo o que a guerra destruiu e talvez sobre uma base mais sólida, mais dura e mais duradoura do que antes.” Até aqui, palavras de Freud.

Rilke também aprendeu a lição da guerra, ele entendeu da mesma forma que Freud, que havia uma nova tarefa para o poeta, ele declarou, por exemplo, em uma carta. Nossa tarefa é gravar em nós esta terra provisória que expira tão profundamente, tão apaixonadamente dolorosa, que sua essência ressuscita em nós invisíveis, o homem transformando as coisas e seu interior lhes dá uma grande dimensão de eternidade.

Essas ideias de Freud valorizam a vida em seu caráter efêmero, e mais do que lamentá-las ou continuar a se comportar como eterna, negando a defesa de Freud a uma postura ética para viver a vida com a intensidade de cada dia, como cada um deles fosse o último.

A pandemia abalou todos os nossos rituais, e como não há remédio, por muito tempo teremos que nos acostumar a conviver com a peste.

Isso requer próximas táticas para reconstruir esses rituais, ou modificar nossos hábitos, o que vai além dos duelos pelas múltiplas perdas que a chamada nova normalidade nos impôs.

Muito obrigado.

Início do debate.

Ilka Franco Ferrari²: Muito obrigada Mario, nos que agradecemos à você. E agora estamos aqui então aguardando que as perguntas nos cheguem. Porque eu havia combinado com o Mario que não o interromperia enquanto ele estivesse falando, que deixaria para o final, para que a gente pudesse conversar. Então estamos aqui, aguardando que cheguem as perguntas. E, enquanto as perguntas não chegam, eu quero pedir a você, por favor Mario, que aborde um pouquinho mais essa, eu diria, essa recomendação do Freud, que na hora, pelo menos pra mim, deu um pique, né, cortou a sua fala, ela saiu um pouco picada, um pouco cortada: a recomendação do Freud, então diante de tudo o que estava acontecendo, de que nós vivêssemos a vida como se cada dia fosse o último. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso.

Mario Elkin Ramirez: Obrigado. Para quem não fala português, Ilka Franco Ferrari me pergunta se posso ampliar um pouco a recomendação de Freud de viver cada dia como um único dia. Eu entendo assim, em outro texto que ele escreveu durante a guerra ...

Pois bem, em outro texto de Freud intitulado **Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte**, Freud pensa que os humanos, embora digamos que todos vamos morrer, sempre dizemos algum dia, isto é, hoje não. E isso de certa forma torna a própria mulher morta irrepresentável. De certa forma, o que mais se aproxima de representar a morte é um morto, ou seja, o outro, e quando esse outro morto é um parente ou alguém próximo, isso nos emociona porque temos que chorar sua perda, e isso nos faz ter algumas ideias sobre a brevidade da vida.

Mas essa posição nos torna hipócritas diante da morte, porque no fundo não a levamos a sério, mesmo sendo a própria morte. E daí, deduzo que sendo hipócritas com a morte, somos também hipócritas com a vida, porque isso nos faz viver como se fôssemos eternos, enquanto a ideia de que Freud diz que a efemeridade da vida não a diminui, mas sim isso aumenta o seu valor, que é o valor da escassez. O que é escasso também tem muito valor justamente porque é escasso, e isso é a vida.

Como Freud disse no texto, as flores, os pássaros, as borboletas, tudo o que a gente vê que é belo morre no dia seguinte, no inverno. Mas, no próximo ciclo haverá outras flores, haverá outros pássaros,

² Mediadora da palestra: Ilka Franco Ferrari. Graduada e especialista em Psicologia pela PUC Minas, e doutora em Psicologia pela Universidade de Barcelona. Professora na Graduação e no Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC Minas. É analista praticante, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

haverá outras luzes, outras borboletas, novamente, o belo. Mas a vida, por outro lado, é a única que temos, quando saímos não voltamos, pode ser que a espécie continue, mas a vida de cada um no singular se acaba. E se então vivemos como eternos, pensando que isso não vai acabar, isso nos faz postergar nossos objetivos, postergarmos nossos desejos, postergarmos o que realmente nos move na vida.

Não é um convite à vida maluca, um pouco a partir da escrita do **Decamerão**, que reúne gente fugindo da peste, da nobreza para contar histórias, histórias que vão mudando de acordo com sua denúncia de transformações morais, até que elas mesmas acabem em certo tom festivo. Não, não é um convite a uma vida louca, mas a uma vida consciente, a uma vida sóbria, a uma vida em que cada dia pode de fato ser o último, porque não há garantia de que estaremos vivos amanhã e menos ainda em tempo de pandemia, onde não se trata mais simplesmente da ameaça.

Como dizia Freud, no mal-estar da cultura, pela natureza, pelo organismo, ou pela relação entre nós, mas porque existe um vírus lá fora, real, um vírus, uma pandemia, que nos ameaça constantemente.

Então, a lição que eu tiro de Freud, daquele texto da transitoriedade é que, viver intensamente cada dia, no sentido de amarrá-lo com as abordagens de algo a surgir, no sentido de criar comunidade, de criar uma ritualidade, ações de grande carga simbólica, que mais do que nos convidar a consumir ou fazer consumir, nos convida a criar isso, um novo vínculo com o outro, inventar novos meios, como confinamento, por exemplo, que é o que estamos fazendo aqui. Essa seria minha resposta ao meu comentário expandido sobre o que eu levantei e obrigado por sua pergunta, Ilka.

Ilka Franco Ferrari: Obrigada Mario. Estão perguntando aqui se você pode disponibilizar o texto posteriormente?

Mario Elkin Ramirez: Sim, sim, claro. Só que terminei de escrevê-lo há duas horas, por isso será revisado antes para ser traduzido. E eu posso fazer um polimento e depois mando pra vocês, claro, com muito prazer.

Ilka Franco Ferrari: Ok. E nós poderíamos ver, eu sei que o professor Wanderley Chieppe está escutando aqui, a melhor forma de divulgar esse texto, por exemplo, professor Wanderley, não sei se seria possível publicá-lo em uma das revistas de vocês, não é? De que maneira nos poderíamos fazer circular o texto?

Wanderley Chieppe Felipe³: Sim, do meu ponto de vista é um texto brilhante e que traz uma série de questões importantíssimas desse momento que nós estamos vivendo. Essa última parte sobre a transitoriedade, o efêmero nos faz pensar uma série de coisas. Se por um lado, a morte é irrepresentável, assim, como se fôssemos eternos, mas as perdas de vida que nos ameaçam também podem fortalecer o sentido da vida, não é? Essa ideia de viver cada dia como se fosse o último, ou seja, a vida é toda representada numa pandemia, de certa maneira, nós não sabemos quando vamos morrer, não sabemos o que vai acontecer conosco, fazemos de conta que não existe a morte. Então achei belíssimo o texto e gostaria muito de poder publicá-lo em nossa revista semestral, se o professor Mario estiver de acordo.

Mario Elkin Ramirez: Sim, será um prazer e uma honra, claro que sim.

Ilka Franco Ferrari: Mario, chegaram aqui perguntas muito interessantes. A Paula pergunta: “se na atualidade o outro se apresenta opaco, que outro poderá de vir no pós-pandemia?”, essa é uma pergunta. Aí vem assim: “Charles Melman fala sobre o homem sem gravidade, como um padrão contemporâneo. Em sua opinião, como esse ‘tipo’ afeta as relações intertextuais na constituição da esfera pública e da política?”

Mario Elkin Ramirez: Vejamos, o outro país, e o outro pós-pandemia, não tenho tanta certeza de que agora o outro seja opaco; justamente a partir da leitura de outro texto de Byung Chul Han (autor citado anteriormente, que se chama **Sociedade da Transparência**, antes vejo que há um empurrão por parte dos dados, da informação, do neoliberalismo, que não há opacidade, que tudo é transparente, que tudo se fala para que não haja véus, que nada cobre, que estamos realmente na era da pornografia, onde não há véu, nada vem cobrir o corpo nu, mas oferece, para além da pornografia, a exigência de que haja uma crueza nas imagens, sem censura, para garantir, por exemplo, a verdade.

É verdade que a psicanálise, com Freud, foi um homem da era vitoriana, um homem de seu ciclo e onde se vivia a sexualidade reprimida, escondida, proibida, criaria de certa forma um método de revelar, de fazer a inconsciente consciente, para trazer à luz o que estava escondido. Sim, é verdade. Mas hoje estamos numa sociedade completamente diferente, onde, pelo contrário, não existem véus,

³ Pró-Reitor de Extensão e professor da PUC Minas. Doutorando em Psicologia e mestre em Educação e graduado em Psicologia pela PUC Minas. Especialista em Psicoterapia Contemporânea pela UFMG.

mas sim isso evoluiu na arte e em todas as áreas. Ao mostrar o ‘cru’ é preciso ver como os jovens se divertem, fazendo pequenos vídeos onde eles mostram o cru e o nu sem véu.

Acho que parte do trabalho da psicanálise é que o sol tão coalhado, tão real, pode ser velado, não para ser escondido, mas para ser simbolizado, para ser roído de palavras, para que possamos dar sentido ao que é bruto, nu, transparente, do outro que não tem um envelope simbólico que o torna, por exemplo, um sintoma que estavam tratando. Isso de um lado.

Mas é verdade, e agradeço a sua pergunta também, é verdade. Como disse na introdução, que há uma luz negra da pandemia política, porque, por exemplo, o Coronavírus também está espalhado entre os governantes e também entre as instâncias de governo. Em muitos países, passaram a ser virtualmente obsessões ou a ficar um pouco desestruturadas com os poderes, e houve um uso da política negra de pandemia, por exemplo, para fazer decretos sobre o controle – autoridades democráticas decretam como se fossem reis, como se fossem duques, como se fossem aristocratas e a democracia não existisse, pulando a esfera democrática.

Para tomar medidas completamente impopulares, para aproveitar a pandemia e favorecer uns poucos donos de capital, donos das empresas poderiam facilmente demitir os trabalhadores que poderiam distribuir as mercadorias, apenas entre poucos, e não entre as grandes multidões de povos latino-americanos ou exemplo.

Então, se há uso de uma necropolítica, de uma política de morte, não no sentido de uma grande conspiração, mas no sentido de poder fazer um uso de fato desse poder, que não é mais um micropoder controlado por outro, mas sobretudo que é ampliado pela contingência do Coronavírus, então sim, nesse sentido o outro está escurecendo, em tempos de pandemia, à medida que passamos e vamos em direção à biopolítica, de que Michel Foucault fala, à psicopolítica, de que fala Byung Chul Han. Mas nós gostamos de um revés, e é por isso que uma certa escuridão aparece no outro, no outro estado, no outro governo, no outro do mundo além dos governos, das grandes multinacionais, do capitalismo neoliberal, vai se obscurecendo no sentido de que continua a ser tentado, continua a ter aquela grande tentação da ditadura, de aproveitar a pandemia para escalar gradativamente, impondo ações que vão para uma ditadura – é onde eu vejo a escuridão do outro.

Além do túnel, não sei o que vai acontecer, mas isso também depende de nós e de nossas ações, como podemos recriar de outra forma os rituais que dão sentido à vida, que se encham de carga simbólica e que criam comunidade enquanto a pandemia quebra a todos nós. E o uso que eles fazem da pandemia nos quer todos isolados, pulverizados, sem comunicação e à mercê daquele outro que eu concordo nesse ponto, pode escurecer. Obrigado pela sua pergunta.

Ilka Franco Ferrari: Marco, a professora Cristina Marcos pergunta aqui para você: “você diria que o vírus modifica nossa relação com a morte, tal como Freud afirma que a guerra o faz?” Outra pergunta dela: “o vírus é um inimigo muito particular, não?”. Outra questão, também da Cristina: “de que modo o discurso capitalista é interpelado pela pandemia?”.

Mario Elkin Ramirez: Sim, muito obrigado pelas perguntas. Bem, em primeiro lugar, sim, acho que a pandemia é comparável à guerra, é comparável tanto que o historiador em que me baseio para o início do texto, Benedictow, que é um grande estudioso da Peste Negra. Quando ele começa a descrever como, país por país, a peste negra avançava, pelos rios, pelo mar, pelos caminhantes, por um lugar, ele não consegue evitar uma linguagem guerreira, e começa a dizer isso em uma cidade sitiada, e que ele atacou pela frente e pela retaguarda, enfim, toda a sua linguagem está se tornando como se fosse uma invasão bárbara de uma população sobre outra população, quando, na realidade, não era uma população contra outra, mas uma bactéria contra a humanidade. Mas há uma comparação semelhante da guerra e da pandemia, porque digamos, com uma semelhança devido à modificação dos nossos hábitos diários para todos a nível global; mas também há uma diferença, e é que na guerra, havia um inimigo que era visível, que podia situar-se no tempo, no espaço e nas circunstâncias, e diante da qual podia ser ouvido ou encarado em igualdade de condições.

Também aparecem neste texto sobre o desaparecimento de rituais, em uma parte no final chamada de *Guerra dos drones*, onde especifica que com a invenção dos drones que podem atirar, há uma perda de igualdade de condições. Por exemplo, entre um lado e o outro, porque vão simplesmente atacar os inimigos com drones sem expor nada da própria vida, sem expor o corpo, mas como uma arma, uma arma telecomandada e de certa forma se fosse uma guerra biológica. É exatamente isso, estamos todos trancados, indefesos, sem poder fazer nada, sem poder nos defender, sem poder realmente enfrentar o inimigo em termos de perigo externo, e isso, seguindo Freud, na diferença que ele faz entre o medo e a ansiedade, Freud diz: “o medo é a reação a um perigo externo que pode ser localizado no tempo, no espaço e nas circunstâncias.”

A angústia, por outro lado, decorre do fato de que esse inimigo não pode estar localizado no mundo externo, mas é um inimigo acima de tudo, do instintivo interno e é como um ataque de dentro, e acredito que, com efeito, a pandemia produz mais angústia do que medo, a ponto de não conseguirmos localizar exatamente onde está, por isso as medidas às vezes são tão absolutamente incoerentes, como atirar um facão nos sapatos. Bem nos sapatos.

Aí o vírus entra pelo chão; não pela máscara, porque aí dá para respirar visto que tem medidas, mas também tem outros tipos de medidas sanitárias que chegam a se contradizer ainda mais.

Mais ou menos, sabe-se que é um vírus que se aperfeiçoa, mas como não se vê, isso produz mais angústia do que medo. Então, seriam alguns elementos para a primeira questão, pois como afirma Freud a respeito da morte, o vírus também pode nos confrontar com a morte como se fosse uma guerra. Mas, já vemos que a modificação antes da morte é apenas racional, porque no nível inconsciente continuamos a nos conduzir como se fôssemos eternos.

Segunda pergunta: é um inimigo muito particular? Sim, é muito particular, precisamente porque não o podemos situar no tempo, no espaço e nas circunstâncias, porque isso nos causa tanta angústia, estando no confinamento, na renúncia aos nossos rituais, à nossa força simbólica para estabelecer a comunidade. E, finalmente, como poderia ser se o discurso capitalista é desafiado pela pandemia. Sim, no sentido de que a pandemia revelou o que tínhamos como uma pequena verdade que não tínhamos confirmado, por exemplo, no que foi introduzido quando da apresentação do Seminário de Extensão, o fato de os sistemas de saúde nos terem roubado, de não terem sido preparados. Realmente havia infraestrutura de saúde em nossos países que poderia enfrentar uma contingência como essa, que o dinheiro havia sido distribuído e, mesmo dentro da pandemia, se revelou que a educação não estava preparada a partir da conectividade, para ser efetiva no passo para o virtual.

Também foi revelado que haviam roubado dinheiro de empresas de saúde, porque havia médicos que estavam há oito meses ou um ano sem receber, e que agora eles eram obrigados a estar na vanguarda da pandemia quando suas condições sequer haviam sido consideradas. Tudo isso a pandemia mostrou. Ela até mostrou o negócio que se fazia com os elementos, com a distribuição dos elementos de biossegurança, da chamada ajuda humanitária, toda a corrupção se mostrou, então não foi que a pandemia desafiasse o discurso capitalista dos cansados que eu substituí o pano de fundo de mercado, que funciona como um imperativo a todo esse sistema capitalista, que só queria esconder a pandemia que revelei.

Seria minha consideração à terceira questão, porque nem mesmo o confinamento do povo em um dado momento fez cair o capital, não, não, não. Aqui no meu país, por exemplo, foram promovidos alguns dias sem IVA, que é o imposto sobre vendas. Depois foram determinados dias para que as pessoas corressem para comprar porque não havia imposto sobre vendas. E as pessoas saíam como loucas, esperavam loucas depois de seis meses de confinamento para comprar o quê, comida? Não, para comprar televisores, para comprar coisas absolutamente inúteis, no sentido de que não faziam parte da cesta familiar. E aí teve um momento, 15 dias depois, os infectados aumentaram, mortes que aumentaram.

Agora por exemplo, hoje existe uma greve nacional no meu país, onde tem uma minga, ou seja, um movimento social entre índios, entre sindicalistas, entre muita gente, professores que querem reivindicar. Mas o argumento do governo era que vão ser contaminados, e daí contradições existem: no dia a dia, eu não vou ser contaminado, mas em vez disso, as manifestações sociais estão contaminando? Esse é o manejo político negro da pandemia. Acho que sim, a pandemia domina a corrupção do neoliberalismo, ao invés de fazer objeção ao discurso capitalista como tal da caixa.

Ilka Franco Ferrari: Mario, nós temos agora então mais uma pergunta da Paula, e eu estou percebendo que você está conseguindo ler o *chat* muito bem. Sobre a exposição acerca da circulação do significante vazio de Lacan, qual a relação e desdobramento relacionado ao uso de *smartphones*, objetos de devoção digital, e quais são os novos ritos e rituais impostos e implícitos nas novas maneiras de se comunicar? Eu acredito que você está lendo aí, se tiver alguma dúvida, me pergunte por favor.

Mario Elkin Ramirez: Não, penso que, quanto à primeira parte da questão sobre a circulação do significante vazio de Lacan, e a relação de desdobramento relacionada ao uso dos objetos *smartphone*, e outros de vocação digital, ao tratá-los de um sulco, parece um pouco difícil responder a essa pergunta, porque acho que há um sulco quando ele fala de um vazio. É preciso lembrar que ele tem uma formação filosófica muito forte na Alemanha com Heidegger, com Kant e Hegel, com todos aqueles pensadores com quem fez o seu trabalho de doutorado, mas também tem raízes na Coreia do Sul e por isso tem outros textos um pouco sobre o Zen, por isso, quando tenta pensar sobre a, por assim dizer, filosofia de Zen, que é mais oriental e mais que uma filosofia, é também uma prática de vida. É onde ele introduz uma dimensão de vazio que, embora Lacan tenha ficado muito seduzido por isso, quando fez a aprendizagem da língua chinesa, e quando começou a ficar muito interessado na cultura da China e do Japão, digamos que haja um ponto de concordância, mas não significa que o

meio-termo e o vazio do Taoísmo e do Zen seja exatamente o do vazio de Lacan, é algo mais, mas acho que vai além dos propósitos desta conferência poder discutir isso.

Ao invés da segunda parte da pergunta de Paula: quais são os novos ritos e rituais impostos ou implicados pelas novas formas de comunicação dentro da pandemia, o que vemos é a eliminação dos ritos. As pessoas não podem fazer funerais, as pessoas não podem mais ir à missa, agora só devolvem as cinzas para fazer como uma espécie de ritual virtual entre a família, e isso é tudo que se pode fazer com o luto, no melhor dos casos, em outros casos, os corpos estão em valas comuns. Lá o ritual foi eliminado e eu trabalhei, por exemplo, com pessoas que durante o conflito armado colombiano, perderam seus entes queridos, à medida que eles estavam desaparecidos, e digamos a dificuldade de fazer um enterro sem um cadáver é semelhante à pandemia de agora.

É exatamente como uma espécie de angústia quando as pessoas querem voltar aos mortos, ter um cadáver para realizar um ritual. Até os graus de formatura, a festa de formatura, tudo isso não está sendo feito agora, ou seja, estamos eliminando rituais, aniversários, etc. Todo aquele distanciamento social impõe renúncia, ou as pessoas se inventam pelo *Zoom*, por essas plataformas, mas todos acabam dizendo que não é a mesma coisa, porque embora aqui tenhamos a imagem e a voz, o corpo não está presente o corpo está confinado em nossas casas.

Então, depende de como vamos ser capazes de inventar esses rituais, de como podemos até fazer uso da tecnologia, como estamos fazendo hoje, para criar uma comunidade científica, uma comunidade de trabalho, além da simples comunicação, pois os jovens a usam onde? Passam horas procurando no *Facebook*, e olhando o *Twitter*, olhando o *Instagram* e as outras plataformas, olhando fotos anônimas... como os outros gostam disso, sem nenhuma comunidade? Aí cada um fica confinado, quase como se estivessem separados. Então se eu pudesse colocar que os rituais que criam comunidade, algo que o autista de cada um está a serviço, um pouco como o narcisismo ou como Byung Chul Han diria, para o leigo de cada um, isto é.

Ilka Franco Ferrari: Bom Mario, nós chegamos agora ao momento de finalizar esse trabalho, e eu queria saber se tem alguma questão que você gostaria de abordar, algo que lhe ocorreu nesse tempo que você deixou de falar, e gostaria de pontuar ainda, antes da gente finalizar.

Mario Elkin Ramirez: Não, não, está certo, acho que essa frase é uma lição inaugural, quer dizer que ela começa, que abre, que inaugura toda uma série que virá depois do seu trabalho na pós-graduação, e com o programa de extensão. E com isso acabo de começar um Seminário, mas vai ser uma série inteira, acho que vai haver muitos pontos de reflexão e ficarei no aguardo para participar dos debates também.

Muito obrigada mais uma vez pelo convite à Universidade, à Pontifícia Universidade Católica, à Pró-reitoria de Extensão, ao Departamento de Pós-graduação em Psicologia, e a Ilka, amiga de minha alma. Obrigado a todos.

REFERÊNCIAS

- BENEDICTOW, Ole J. 1346-1353: The Black Death 1346-1353. The complete history. Boydell Press, Oslo. 2012.
- BOCCACCIO, Giovanni. Decamerão. SP: Cosac & Naify, 2013.
- FREUD, Sygmund. Sobre a transitoriedade. (Trad. J. Salomão). Rio de Janeiro: Imago. (1972 [1915]).
- FREUD, Sigmund. Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte. In: Introdução ao narcisismo: estudos de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras Completas, vol. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 209-246.
- HAN, Byung-Chul. The Disappearance of Rituals: A Topology of the Present. Polity Press; 1 ed. 2020.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade da transparência. SP: Vozes, 2016.
- RYLKE, Rainer Maria. Al Viento. 1897.